

A. M. B. Machado Pires

O essencial sobre

RAÚL BRANDÃO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Advertência ao leitor

Os propósitos de divulgação da colecção «O Essencial» devem conjugar-se, a nosso ver, com um rigor e uma qualidade expositiva que tornem estes textos não só acessíveis ao leitor comum, como também utilizáveis por professores de diversos graus de ensino e por investigadores e leitores de outras fronteiras e culturas. Para além das dificuldades que a síntese levanta, a obra de Raúl Brandão, pela sua profundidade, carácter inovador e estruturação invulgar, põe problemas de planeamento e de escrita na abordagem de conceitos, géneros literários e estilo. Por outro lado, dado o carácter deste trabalho, optámos por não citar edição e página, mas apenas capítulo ou parte de obra; o leitor utilizará a edição que conseguir obter.

Procuraremos insistir na referência e no apelo à leitura de certos textos brandonianos que consideramos fundamentais e indicaremos a bibliografia essencial para os aspectos abordados.

Fevereiro de 1997.

ANTÓNIO M. B. MACHADO PIRES

I

INTRODUÇÃO

«A que se reduz afinal a vida? A um momento de ternura e mais nada...»

RAÚL BRANDÃO, *Memórias*.

«... uma vida que é sonho na lama e luz nas catacumbas.»

VITORINO NEMÉSIO. «Raúl Brandão, íntimo». *Sob os Signos de Agora*.

RAÚL GERMANO BRANDÃO nasceu na Foz do Douro, em 12 de Março de 1867, e morreu em Lisboa, em 5 de Dezembro de 1930. Foi, portanto, rigorosamente contemporâneo de António Nobre (1867-1903, de quem se ocupa nas *Memórias I*), de Camilo Pessanha (1867-1926), do historiador David Lopes (1867-1942) e do historiador da literatura Mendes dos Remédios (1867-1932), também de Eugénio de Castro (1869-1944), de Júlio Brandão (1869-1947), do músico e maestro Francisco de Lacerda (1869-1934) — o que quer dizer que o devemos considerar pertencente à Geração de 90, que assumiu uma reacção

idealista antipositivista, na qual se radicam o Simbolismo e o Impressionismo. É ainda um período agitado para Portugal (o *Ultimato*, 1890, o Regicídio, 1908, que refere nas *Memórias*, a Revolução Republicana, 1910) e para o mundo (1.ª Grande Guerra), uma atmosfera de profundo sentimento de decadência do Homem (*degenerescência* é uma ideia e uma palavra chave), de fuga para a Arte ou para o Anarquismo, de «redescoberta» do exemplo de S. Francisco (lembra-se Paul Sabatier e a sua *Vida de S. Francisco de Assis*), de um humanitarismo universalista e compassivo à Tolstoi, de conflitualidade profunda como a documenta Dostoievsky, de compaixão e apelo para a condição dos pobres e desgraçados à maneira de Gorki. O próprio Brandão escreveu (a propósito da personagem K. Maurício) sobre este tempo: «Singulares criaturas devem nascer por este fim de século, em que a metafísica de novo predomina e a asa do Sonho outra vez toca os espíritos, deixando-os alheados e absortos. A necessidade do desconhecido de novo se estabelece.» Adiante acrescenta: «De tudo isto, da fadiga produzida pelo exaspero crescente da luta pela vida, devem nascer criaturas singulares, aberrações extraordinárias, curiosos cérebros cheios de sonho, nervos capazes de sentir o que por ora é do domínio do sonho...»

Entre todas estas confluências finisseculares, Raúl Brandão, emotivo, de uma sensibilidade quase exagerada, contemplativo, sem grandes apetências para a erudição nem para uma vida de «glórias» sociais, é um exemplo muito pessoal na Literatura Portuguesa, abrindo, sem o saber, caminhos diversos para a prosa moderna. Brandão, no trânsito do século XIX para o século XX está, afinal, como disse Vergílio Ferreira, «no limiar de um mundo» (*Espaço do Invisível II*, 1976).

A infância e a adolescência têm grande influência no homem, por *impregnação* das primeiras experiências e embates da vida. A luz doirada e o azul do céu da Foz do Douro ficaram-lhe para sempre (como veremos). A vida dos pescadores (de quem também é descendente) deu-lhe um paradigma existencial de disponibilidade para o risco, de trágica aceitação do Destino e da Morte. *Os Pescadores* (1923) têm uma dedicatória «à memória de meu avô, morto no mar». Na Foz estão as suas raízes de infância: «É ainda essa Foz se reduz cada vez mais na minha alma a um cantinho [...] que retenho na memória com raízes cada vez mais fundas na saudade, e mais vivas à medida que me entranho na morte.» (*Os Pescadores*, página datada de 1920, tem o escritor 53 anos.)

Por outro lado, a escola não era um encontro lúdico ou um prolongamento do jardim de infância... O «mundo atroz e brutal» com que se depara no Colégio de S. Carlos no alto da Rua de Fernandes Tomás marcou-o negativamente com o medo aos castigos, a timidez, a reacção do seu temperamento exageradamente sensível que preferiria refugiar-se num «mundo azul e frenético» fora das portas do velho casarão. Esta experiência dura foi talvez o primeiro estímulo para o *Sonho*, a evasão, a quimera *interior*, que ele tanto valoriza. Terminando o liceu, matriculou-se no Curso Superior de Letras. Aí conviveu com Joaquim de Araújo, Bruno (Sampaio Bruno), Basílio Teles (sem esquecer os «velhos» amigos de adolescência, António Nobre e Justino Montalvão).

O primeiro livro de Raúl Brandão surge em 1890: *Impressões e Paisagens*. Trata-se porém de um conjunto de escritos de índole realista (de resto muito influenciados por Eça de Queirós...) e que não condizem nem com o que

já se escrevia de mais «avançado» em Portugal, nem com a sensibilidade de Raúl Brandão. Também ainda com pouco significado são a *Vida de Santos* (1891, conjuntamente com Júlio Brandão) e *Os Nefelibatas* (1891), assinado com o pseudónimo Luís de Borja, muito provavelmente escrito em parceria com amigos e com uma temática ligada ao terrífico e ao misterioso...

Talvez também por pressão familiar, talvez porque era uma vida (segura?!) para o sustento, Raúl Brandão troca o curso de Letras (breve período em 1888) pela Escola do Exército, em Outubro de 1891, aos 24 anos.... Viria a ser, sem convicção e com muito horror à férrea disciplina da caserna e seus incómodos («o inferno deve ser uma retrete de soldado em ponto maior...», in *Vale de Josafat*), um militar de carreira (que se reformou em 1911, com 44 anos). Terminado o curso da Escola do Exército em 1893, faz um estágio em Mafra, tem uma passagem pelo Porto (Regimento de Infantaria n.º 6), sendo depois transferido para Lisboa, onde cumulativamente escreve em jornais, como o *Correio da Manhã* e a *Revista de Hoje*. Em 1896, promovido a alferes, é colocado em Guimarães, onde leva uma vida calma e onde conhece Maria Angelina, com quem viria a casar em 1897, e companheira dedicada até à morte, colaboradora em algumas obras. Maria Angelina e Raúl Brandão constituem um par exemplar e deixaram, ambos, ternos testemunhos memorialísticos desse raro caso de entendimento mútuo e de dedicação (veja-se «O Silêncio e o Lume» de Raúl Brandão, nas *Memórias*, e *Um Coração e Uma Vontade*, um volume em que ela o evoca). Depois de passar por uma colocação no Porto, Foz (1899), vem para Lisboa, interessado em aceitar colaboração em jornais. Raúl Brandão, com a sua sensibilidade ao mundo, ao meio

que o rodeava e ao sofrimento, era de facto uma vocação jornalística (a sua colaboração em jornais e revistas estende-se nomeadamente a *O Correio da Manhã*, *O Imparcial*, *O Dia*, *República*, *O Século*, *A Crónica*, *Gente Lusa*, *Revista de Hoje*, *Revista de Portugal*, *A Águia*, *Seara Nova*, entre outros). Conviveu com Columbano, que lhe pintou dois retratos. O próprio Brandão se dedicou à pintura como amador, e dessa sensibilidade dá conta nos «quadros» que «pinta» em *Os Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas*.

Adquirida uma propriedade nos arredores de Guimarães, aí construiu a célebre «Casa do Alto», no lugar da Nespereira, onde passou, em alternativa com uma pensão em Lisboa, a maior parte da sua vida e onde fez, por assim dizer, a sua «Tebaida»... O seu amor à Natureza (e às árvores, para ele verdadeiro paradigma do mistério da vida...) levava-o a permanecer todos os anos em Guimarães durante as vindimas (fê-lo ainda no ano da sua morte), depois do que vinha para Lisboa, em busca de melhor clima. Primeiramente, não tendo casa própria, habitou a York-House, depois encontrou habitação própria.

Em 1906, Raúl Brandão fez uma viagem ao Norte de África e a várias cidades da Europa (esteve na Itália e na Suíça, visitou Paris e Londres), sem praticamente vestígios na sua obra. Fez também uma viagem à Madeira e aos Açores, em 1924, da qual resultou o livro *As Ilhas Desconhecidas* (1926).

Raúl Brandão tinha uma forte tendência sedentária e as suas viagens eram fundamentalmente as que realizava entre a sua casa da Nespereira, em Guimarães, e a sua residência de Lisboa. Tinha grande medo da morte e uma certa tendência hipocondríaca. Faleceu em Lisboa a 5 de Dezembro de 1930, com 63 anos.

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA AO LEITOR	3
I — Introdução	5
II — O sonho e a dor	12
III — A luz e a cor	38
IV — A vida não vivida	44
V — Estilo	47
VI — Conclusão	53
BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL	59